

APRENDIZAGEM TRANSFORMACIONAL E O MODELO OSAR

Débora de Lima Marreiro

Coordenadora Pedagógica Rede Pública Municipal de Santos

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a compreensão do Modelo OSAR como estratégia para a aprendizagem transformacional. Uma exposição dos elementos que compõem o modelo e suas características. A metodologia adotada foi o estudo de caso e trouxe informações relevantes ao estudo realizado e divulgado. É analisado o conceito de observação como um dos elementos essenciais ao conhecimento do método. O texto tem como proposta a construção de conceitos abordados na pesquisa e a contribuição do método para o caso em estudo. Acredita-se que a aprendizagem transformacional constitui-se em uma mudança individual com inúmeras mudanças sociais.

Palavras-chave: Aprendizagem, transformação social, Modelo OSAR

1- INTRODUÇÃO

Quando se fala em aprendizagem pode-se considerar diferentes estratégias e métodos, porém, a presente investigação visa responder: “O que é a aprendizagem transformacional e como o Modelo OSAR contribui com a aprendizagem transformacional?”

Essas indagações afligem pesquisadores e a literatura acadêmica brasileira registra poucas informações a respeito do modelo utilizado, Modelo OSAR, portanto, o termo “tradução do autor” surge com frequência no referido artigo.

Assim, este artigo tem como objetivo contribuir com a academia e demonstrar, de forma sistematizada, um roteiro para orientação de pesquisadores que busquem analisar o Modelo OSAR na condução de investigações de sua eficácia na aprendizagem transformacional por meio da abordagem narrativa com relato da experiência vivida pela pesquisadora em sua atuação profissional.

Romper barreiras e excluir rótulos arcaicos que restringem a atuação docente tornam-se práticas necessárias ao observar a chamada "sociedade do conhecimento" e a presença de diferentes "organismos" que geram a busca pela compreensão da realidade social e cultural atual, provocando uma reflexão pedagógica profunda, promovendo um movimento de repensar os princípios e práticas à luz do enfrentamento social, político e de como ocorreu a revolução tecnológica (Didrikssom, 2009).

Metodologicamente, pode-se assumir que as reflexões aqui apresentadas emergem do estudo da revisão teórica realizada pela autora e de sua experiência oriunda da análise do acompanhamento de um caso escolhido a partir da observação da semelhança entre a teoria estudada e o relato espontâneo que surgiu em uma roda de conversa.

O relato de investigação está estruturado em coerência com a pesquisa realizada, inclui os principais conceitos; a introdução que contextualiza o trabalho; a revisão de literatura que descreve o modelo OSAR e as aprendizagens de diferentes ordens; a metodologia qualitativa pautada em uma abordagem narrativa e as considerações finais com recomendações e sugestões.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Definição de Modelo OSAR

Para Echeverría (tradução do autor), "OSAR parte de um modelo que se baseia no pragmatismo filosófico, ligado à prática (observador, sistema, ação, resultados), e que quer reforçar a ideia de que você tem que viver com ousadia". (ECHEVERRIA, 2009, p. 91)

A leitura deve iniciar da direita para esquerda, em que o ponto de partida são os resultados, que devem ser avaliados a partir de questões como: “O que produz tais resultados?”. Quanto às ações, é necessário questionar o porquê de agirmos da forma que agimos. Para depois, analisarmos os observadores que somos.

Figura 1 – Modelo OSAR

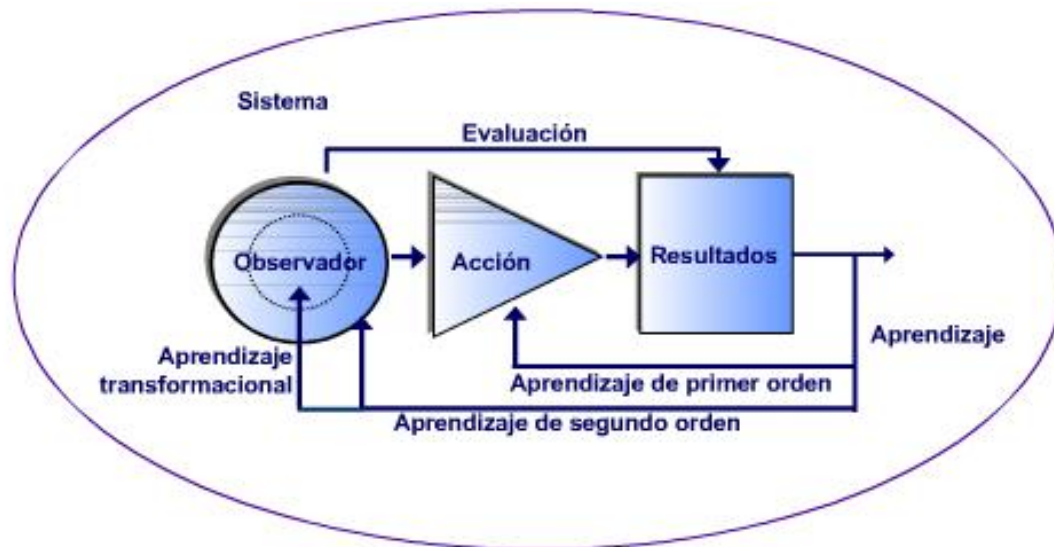


Imagem Disponível em:

< http://www.coachingconciencia.com/wp-content/uploads/2016/11/modelo_osar.jpeg >

2.2 Elementos do Modelo OSAR

Resultado

Entende-se como resultado a consequência final de uma série de ações ou eventos, expressos de forma qualitativa ou quantitativa. Alguns resultados podem ser a priori, considerados vitórias ou derrotas, ganhos ou perdas. Para Echeverría (tradução da autora) “os resultados podem ser divididos em vários tipos, dependendo do procedimento que foi realizado para obtê-lo” (Echeverría, 2009, p.298).

Desta forma, é possível afirmar que os resultados são o produto gerado como consequência das ações humanas. Porém, o resultado pode ter avaliações diferentes a partir da observação e análise do observador.

A dificuldade em obter determinado resultado pode indicar que as ações são Ineficientes ou ineficaz para determinado observador e indicar caminhos para o replanejamento para outro observador.

Ação

A palavra ação vem do latim "*Actio*"¹¹ que significa “atividade, movimento” ou transformação da realidade sugere o momento em que alguém deixa de estar na passividade.

¹¹ Moisés, Massaud. Dicionário de termos literários. São Paulo: Editora Cultrix. 2004, p. 10.

O movimento pode ser voluntário ou involuntário, respectivamente, quando a pessoa decide executar a ação ou em situações que a pessoa por atos reflexivos age porque o cérebro involuntariamente a faz executar a ação, como tossir, por exemplo.

Segundo Echeverría (tradução da autora):

A ação realizada por uma ou várias pessoas em favor de uma causa, que busca o aprimoramento de algumas condições vitais ou essenciais para a vida de outros, pertence à sociologia, que é a ciência responsável por estudar a sociedade e seus indivíduos. [...] Esta ação afeta o comportamento dos outros, está relacionada aos programas e subsídios da assistência social e procura satisfazer as necessidades básicas de algumas pessoas que buscam melhorar sua qualidade de vida. (Echeverría, 2009, p.297)

Sistema

Para entender sistema no Modelo OSAR, é necessário compreender a amplitude do conceito que abrange a comunidade a que se pertence, a família em que se nasce, o bairro onde se cresce, a escola em que se estuda, as relações que se consolidam. Se houver outro sistema ou a pessoa em análise ocupar outra posição, provavelmente a observação e a ação seriam diferentes e gerariam diferentes resultados.

É importante ressaltar que as mudanças profundas e estáveis no comportamento não dependem exclusivamente da incorporação de outras ações, de ampliação de repertório de atitudes ou mudanças no observador, e sim, em algumas situações específicas, modificar o sistema a que se pertence.

Nesta perspectiva, compreendendo que cada ser humano tem seu próprio jeito de observar, agir e gerar resultados, é essencial sinalizar que os resultados podem variar de acordo com os sistemas em que se convive ou da posição que se ocupa em determinado sistema.

Outro ponto nevrálgico na complexidade do Modelo OSAR é a visão restrita do sistema. Ao olhar o entorno e observar a sequência de eventos, raramente as pessoas têm uma visão sistêmica espontaneamente. Para reconhecer a ampla rede de interrelações presentes nos diferentes sistemas, geralmente, é necessário alguém que auxilie no desenvolvimento de um olhar sistêmico.

Observador

Observar é a maneira de conferir sentido ao que acontece. As ações são consideradas respostas à interpretação de um problema que deve ser resolvido. A interpretação depende do ponto de vista dos observadores, que na maioria das ocorrências apresentam uma visão pessoal de uma questão geral.

O tipo de observador que uma pessoa é, pode determinar sua capacidade de ação, segundo o Modelo OSAR. Ao modificar o olhar ou o tipo de observador, um problema pode ser resolvido porque o foco se desloca para outro ponto.

Entende-se por observador, a maneira como alguém vê a realidade a partir de suas crenças, modelos mentais, experiências e história pessoal.

Aquilo que é observado leva a uma ação que corresponde ao que fazemos em cada situação e gera um resultado. O observador avalia os resultados e, geralmente, se o resultado é

positivo e o satisfaz, continua a agir da mesma forma. Porém, a interpretação do resultado é particular e as pessoas podem divergir na avaliação dos resultados.

As pessoas interessadas em influenciar os outros a mudarem suas ações, podem propor questionamentos relativos às interpretações que cada um faz de suas ações e dos seus resultados.

Ações recorrentes com expectativa de resultados diferentes, assemelham-se à crítica atribuída equivocadamente a Albert Einstein² “insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”. Mas, ainda assim, o ser humano utiliza-se da prática recorrente com a expectativa de novos resultados. O que gera novas perguntas: Por quê? Quais mudanças são necessárias? Em que nível de aprendizagem a verdadeira mudança ocorre? As perguntas anteriores provocaram a reflexão que levou ao estudo de caso que discorreremos neste artigo e que nos auxiliam a compreender o conceito de aprendizagem transformacional, que segundo Elizalde (2009) pode ser comparada aos processos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula que motiva os alunos e mostra o sentido do conhecimento, supera o desafio da busca pelo desenvolvimento e apresenta ênfase na transformação e na evolução social e individual.

Buscando uma ampliação do conceito de aprendizagem transformacional, recorreremos à Edgar Morin (1988) ao afirmar que estamos transitando de um tempo de certezas a um tempo de crescentes incertezas, em que não há mais um conhecimento ou verdade absolutos.

Outra palavra divulgada atualmente e diretamente relacionada ao processo de conscientização e transformação no tipo de observador, é o empoderamento (Echeverría, 2009). Associado à capacidade do observador de questionar as próprias interpretações, o conceito de empoderamento traz inúmeras interpretações possíveis no cenário social atual.

Outro ponto imprescindível à compreensão do conceito de “observador” é entender que a consciência de que o outro, ao falar, agir ou expressar-se, gera sua própria interpretação, muitas vezes diferente da interpretação da maioria, não extingue a legitimidade de sua interpretação. Pois, ao investigarmos as premissas do outro, encontraremos sentido no seu ponto de vista ou em sua forma de se mover no mundo.

O papel do observador e sua eficácia são facilmente identificáveis em equipes, nas quais as interpretações que cada membro faz sobre o significado que justifica a existência da equipe e suas estratégias, geram interpretações e, tendem a assegurar as ações dos membros para um mesmo lado.

Echeverría afirma que:

Algo semelhante acontece com a base emocional. Se a base emocional de uma equipe ou uma comunidade é confiança, isso contribuirá para a eficácia dos relacionamentos nos resultados. Se, pelo contrário, a base emocional é a desconfiança, Os relacionamentos serão tensos e os resultados difíceis de alcançar. (ECHEVERRÍA, 2009, p.296)

Conhecer os elementos do Modelo OSAR pode fornecer uma base teórica sólida para o desenvolvimento de um olhar sistêmico a respeito do percurso entre ações e resultados.

² O livro “[The Ultimate Quotable Einstein](#)”, publicado pela Universidade de Princeton (EUA), traça a citação ao livro de 1983 “Sudden Death”, de Rita Mae Brown, mas é quase certo que é ainda mais velha do que isso.

3. METODOLOGIA

O presente artigo partiu de uma revisão bibliográfica como alicerce para a narrativa de um caso abordado nas páginas que se seguem. A narrativa e as rodas de conversa têm se mostrado de grande relevância em pesquisas que compreendem fenômenos sociais. Sendo utilizadas com grande êxito na investigação de uma fração do grupo social.

A narrativa enfrenta o desafio de contar com muitas variáveis e desperta para a precaução de não se realizar generalizações a partir de singularidades.

A aplicabilidade do Modelo OSAR envolve não apenas as orientações pesquisadas e resumidamente descritas neste artigo, mas contempla iniciativas em outras áreas, realizadas por diferentes profissionais que contribuem com as investigações acerca da importância da aprendizagem transformacional na experiência humana.

Para analisar o objeto empírico, utilizamos a narrativa como metodologia empírica, pois visa a responder questões do tipo “como” e “por que”, e investiga fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (YIN, 2001).

O estudo reúne informações detalhadas para a compreensão da totalidade de uma situação. Utilizou-se a observação sistemática, conversas e leitura de um documento elaborado por um grupo de Assistência Social do município de Santos.

Este trabalho centra-se, principalmente, na análise da dimensão humana diretamente envolvida na aprendizagem transformacional. Para isso, realizou-se a análise e avaliação dos dados que foram coletados por meio de documentos e observação da protagonista do estudo em ambiente escolar.

A observação direta e participante, conforme Yin (2001), desenvolve-se a partir de participação em situações de vivência do protagonista, em que o observador, durante a observação participante percebe a realidade do ponto de vista de alguém de “dentro do estudo”.

Após a realização de rodas de conversa foram selecionadas informações das narrativas que pudessem ser divulgadas e sustentassem a análise proposta nessa pesquisa.

W., 38 anos, mãe de 5 filhos, morou no município de Mongaguá e desde a infância, segundo o próprio relato, passou por várias adversidades e situações que caracterizam vulnerabilidade social. Dentre as inúmeras situações relatadas estão o distanciamento da mãe, a criação pela avó e tios, o abuso sexual sofrido pelo padrasto em uma das visitas à mãe, a agressividade de um dos tios diante de seu comportamento adolescente.

Conta ainda que engravidou aos 16 anos, presenciou o assassinato do pai de seu primeiro filho, teve outros relacionamentos, mais 4 filhos e o envolvimento com a bebida provocou a perda da guarda dos filhos mais novos para os tios, sendo que o mais velho já havia optado por viver com os avós paternos.

Onde encontramos um ponto comum entre a história de W. e o Modelo OSAR?

Ao perder a guarda dos filhos e terminar um relacionamento que não estava progredindo, W. não teve para onde voltar, passou uma única noite dormindo na rua e ao observar as pessoas moradores das ruas, descobriu a necessidade de buscar auxílio e mudar a própria vida. Solicitou ajuda, foi encaminhada ao Albergue e, posteriormente, ao abrigo, onde frequentou vários programas e conseguiu criar metas e planos.

Voltando ao Modelo OSAR, W. observou os resultados decorrentes de suas atitudes e escolhas, identificou as ações que provocaram os resultados obtidos, observou pontos fortes e

frágeis do sistema do qual é parte e percebeu-se como observadora, sem ter a consciência deste papel no início de nosso processo.

Em 2019 estudou e concluiu o Ensino Fundamental com planos para dar continuidade aos estudos em 2020 para inserir-se no Programa Fênix, um programa municipal em Santos que possibilita reinserção social com auxílio financeiro para moradia e alimentação, encaminhamento ao mercado de trabalho, desde que se respeitem algumas regras.

W. resumiu sua mudança, sua aprendizagem transformacional da seguinte forma: “minha vida mudou quando deixei de me sentir culpada por tudo, entendi que todos erramos e acertamos e deixei de sentir dó de mim, deixei de ser vítima”.

Desta forma, W. transformou-se em protagonista de sua vida, passou por um processo de aprendizagem transformacional que sugere tocarmos o núcleo do observador que somos. Ocorre ao transformarmos pressupostos e crenças profundamente arraigados ao nosso cotidiano e ao possibilitarmos a própria transformação.

Também percebemos que no papel de pesquisadores, atuamos como observadores e nos perguntamos que tipo de observações realizamos ou que postura de observadores assumimos. A postura de observador assumida pelo pesquisador deve ser, na medida do possível, isenta de julgamentos, focada em fatos e não em opiniões. Porém, como pesquisadores da área humana, precisamos admitir a fragilidade de nossa postura imparcial e compreender a relevância da humanização na comunicação, nas relações e suas implicações na criação de territórios conversacionais saudáveis.

O exercício de ouvir os relatos de W., ler sua narrativa escrita, provocar reflexões durante as rodas de conversa foram altamente positivos para a vivência do Modelo OSAR na prática, um verdadeiro exercício de metacognição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto neste estudo, retornamos ao problema desta pesquisa: a importância do Modelo OSAR como estratégia para a aprendizagem transformacional. A partir do estudo bibliográfico que alicerçou o referencial teórico e das análises da pesquisa empírica, podemos resumir que a contribuição do Modelo OSAR para a aprendizagem transformacional reside em mais do que informar, e sim, na importância de compreensão dos elementos do Modelo OSAR e na construção de um conceito de observador isento de julgamentos, com foco em fatos e não em opiniões.

Como nos lembra Yin (2009), o estudo de caso é útil para investigar novos conceitos e verificar como são aplicados na prática os elementos de uma teoria.

Como seres complexos, com suas singularidades e pluralidades, o ser humano busca incessantemente respostas em diferentes lugares e pessoas. O Modelo OSAR propõe buscar respostas analisando a si mesmo como observador das situações vividas, das escolhas realizadas e decisões tomadas. Uma proposta inovadora que inspira o protagonismo e desconstrói o vitimismo.

Sabe-se que há muitos desafios para possibilitar este nível de aprendizagem, a conexão das pessoas com outras formas de observar a si e aos desafios cotidianos, porém, como

analisado no estudo de caso, a aprendizagem transformacional possibilita uma nova interação individual (a pessoa com ela mesma) e social. Como afirma Erickson (1986), em um estudo de caso, busca-se encontrar algo de universal no particular.

Atingimos com essa pesquisa o objetivo geral de compreender a utilidade do Modelo OSAR como estratégia para a aprendizagem transformacional, mesmo quando os atores do processo (protagonista) o utilizam sem conhecimento teórico do modelo.

Dentre as dificuldades encontradas para a utilização do Modelo OSAR, percebemos a necessidade de compreensão dos elementos e como utilizar de forma a provocar reflexões. Saber quais são os elementos não garante um bom uso do Modelo, porém, representa uma grande oportunidade de mudança de estratégia, pois, em geral, as pessoas sempre aconselham e julgam umas às outras.

Mesmo com tais ressalvas e objeções, vale ressaltar que a aproximação com o objeto empírico validou a teoria estudada. Finalizamos o presente trabalho resgatando Elizalde (2009) ao afirmar que considerar os elos que se estabelece com todos os outros aspectos da vida social e cultural na aprendizagem transformacional será uma contribuição significativa na humanização de nossas sociedades.

BIBLIOGRAFIA

CARROLL, J.M.; OLSON, J.R. (1988). Mental models in human-computer interaction. In M. Helander (Ed.). Handbook of Human-Computer Interaction. Amsterdam: Elsevier.

Didriksson, T.A. (2009). Una nueva universidad para la sociedad del conocimiento. Revista Temas, 57.

Echeverría, R. (2009). El Observador y su Mundo Volumen I y II. Argentina : Granica S.A.

Elizalde, Rodrigo. Ocio y aprendizaje transformacional: “Diseñando” nuevos mundos posibles. Ponencia presentada en “VI Simposio Nacional de Investigación y Formación en Recreación”, 6, 7 y 8 de agosto de 2009, Bogotá, Colombia. Disponible en: http://www.ciceenlinea.cl/intranet/acolumna/documento_encuentro_final.pdf

ERICKSON, F. Qualitative Methods in Research on Teaching. New York, Macmillan, 1986.

GIERE, R.N. (1988). Explaining Science: A Cognitive Approach. Chicago: The University of Chicago Press.

JOHNSON-LAIRD, P. (1983). Mental Models. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Morin, Edgar (1988), El método: El conocimiento del conocimiento. Cátedra, Madrid.

_____. (2001). Los siete saberes necesarios para la educación del futuro. Librería El Correo de la Unesco, S.A. México.